ANNO DE 1831. QUINTA FEIRA 17 DE FEVEREIRO. NUMERO 38

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se mensalmente a 640 reis pagos adiantados, na Typografia Fidedigna, na loja de Livreiro de Manoel Marques Vianna, Ru da Penha a ilharga do Livramento D. 23, e em casa do Editor, rua Direita, n. 267; em cujos lugares tambem se receberáõ correspondencias, e anuncios: estes inserem-se gratis, sendo de assignantes, vindo assignados, e com o lugar da morada, e seraõ publicados no dia immediato ao da entrega, sendo esta feita até o meio dia e vindo rezumidos.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES, N. 18. 1831.

ARTIGOS D'OFFICIO.

O Sr. Doutor Primeiro Medico do Hospital Militar receberá no mesmo todos os doentes pertencentes á tripulação da Escuna Clementina, aprehendida fazendo o commercio de escravatura; que lhe forem remettidos pelo Commandante do Brigue Barca 29 de Agosto, fazendo assento separado da dispeza, que occasionar o seu tratamento. Palacio do Governo de Pernambuco 3 de Fevereiro de 1831 — Pinheiro —

EM resposta ao seo Officio datado de hontem, em que sólicita saber, se deve continuar á suprir a gente da Escuna Clementina, que tem á bordo do Brigue de seu commando com mantimentos do mesmo; cumpre dizer-lhe, que deve continuar a fazer dito suprimento, requisitando para isso o que for mister ao Intendente da Marinha, e fazendo assento separado de todas as raçoens, que tem dado, e for dando á referida gente. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo de Pernambuco 3 de Fevereiro de 1831.— Joaquim Jozé Pinheiro de Vasconcellos. —Sr. Capitam Tenente Commandante do Brigue Barca 29 de Agosto, Pedro da Cunha.

TENHO expedido ordem ao Intendente da Marinha para mandar fazer o conserto na meza grande da parte deste bordo que V. S. acaba de requisitar, e igualmente que forneça do necessario mantimento á tripulação da Escuna Clementina, e escravos, que tem á bordo, conforme V. S. representou em seu Officio de hontem: ultimamente hei ordenado, que no Hospital Militar seja recebido, e curado o Contra Mestre da sobredita Escuna, que V. S. participa achar-se gravemente doente, devendo para ali manda-lo quanto antes. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo de Pernambuco 3 de Fevereiro de 1831— Joaquim Joze Pinheiro de Vasconcellos— S. Capitam Tenente e Commandante do Brigue Barca 29 de Agosto, Pedro da Cunha.

TENDO sido apprehendida pelo Juiz de Paz da Taquara no Porto de Goiana huma Escuna denominada Clementina, que se diz Franceza, com carregamento de escravos novos á seu bordo, a qual mandei conduzir para este Porto, onde se acha, debaixo da guarda e vigilancia do Commandante do Brigue Barca 29 de Agosto; e convindo, que, quantos antes, se tome conhecimento desse facto pelo Juizo competente, ou para ser classificada de Piratāria nos termos do Artigo 1.° da Convenção de 23 de Novembro de 1826, si se provar, que subditos Brasíleiros debaixo de qualquer pretexto, ou maneira mandarão a dita Escuna á costa d'Africa fazer commercio de escravatura, ou para ser julgado na conformidade do Alv. de 26 de Janeiro de 1818, no cazo de ser considerado esse negocio simplesmente, como importação de escravos no Brazil debaixo de Bandeira Estrangeira, nos termos do Artigo 3.° da Convenção de 28 de Julho de 1817: Envio á V. Ex. tanto o Termo de apprehenção, como o inquisitorio de testemunhas ouvidas pelo mesmo Juiz de Paz, assim como o Officio do Commandante do Brigue a cima referido e o Inventario de tudo quanto recebeo, não só pertencente á utencilios da Escuna, como ao numero de escravos, para que V. Ex. lhe dê a devida direcção. Cumprindo communicarlhe, que o unico papel, que se achou na Escuna, foi esse Passaporte, que remetto, não apparecendo livro da carga, carta de ordens, nem outro algum documento sobre o carregamento. Emquanto o Juizo competente nao providencia pelo modo, que lhe parecer o mais legal; sobre a sustentação, e curativo dos escravos doentes, estes se conservão á bordo, sendo sustentados pela Intendencia da Marinha, a cujo Intendente ordenei, que fizesse de tudo conta á parte, afim de se remetter para Juizo, e ser indemnizada a Fasenda Publica por quem direito for, bem como das raçoens, que pelo Brigue se fornecem aos Officiaes da Escuna, que se conservão, como retidos e em custodia, e despeza do Hospital Militar com al-

guns dos ditos Officiaes, que por doentes forão para ali recolhidos. O mesmo Commandante do Brigue Barca 29 de Agosto, quando fizer a entrega Judicial de tudo, entregara' igualmente os Termos, que fizer dos escravos, que falescee m, durante sua guarda. Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Governo de Pernambuco 7 de Fevereiro de 1831. Joaquim Joze Pinheiro de Vasconcellos. Illustrissimo e Exm. Sr. Francisco Joze de Freitas, Chanceller da Relação desta Provincia.

Continuação do Dialogo entre Leibnitz e Carlos 12.

— *Carlos* 12. Que importa á minha rasão, que eu tenha o frivolo poder de andar, de assentar-me, de escarrar para a direita, ou pra a esquerda, de vestir-me com o manto real, ou com este grosseiro *reguingote?* O que me interessa he fazer bom uzo do meu entendimento; saber apreciar a gloria e merecela; em summa ja que a natureza me fez intelligente, eu devo ter huma rasão superior á da ostra.

Leibnisz. Eis ahi o ponto, Sr., a que desejava trazer-vos. A extensão da liberdade depende do numero dos orgãos, e da sua perfeição; porque a alma, quanto mais occasiões tem de conhecer, mais exerce a faculdade de determinar-se. Na idade de 10 annos quando os vossos sentidos internos ainda não estavão desenvolvidos, a vossa liberdade parecia reduzir-se aos movimentos da maquina, por ex., a passeardes por Upsal, ou a ficardes em Stokolm, a manear hum *sabre*, ou atirar com armas de fogo: hoje porem a voss'alma occupa-se de maiores objectos: ella combina os destinos da Europa, e neste momento talvez esteja decidindo, se he mister abrasar o Norte, ou dar leis a Alemanha. Ah! Sr., permittão os ceos, que a vossa liberdade nunca venha a ser fatal a minha patria!

Carl. Leibnitz a patria de hum homem como vós, he o paiz, que elle doutrina; e ao homen de talentos nunca faltão patrias. Emfim eu não estou aqui n'hum campo de batalha, se não no gabinete de hum filosofo: examino comvosco, se sou livre sem pensar em fazer uzo do meu fantasma de liberdade. Sim Leibnitz, os vossos raciocinios me espantão, mas não me convecem; sempre me parece, que Deos encadeou-me a liberdade: se obro, não sou mais do que hum agente necessario: em huma palavra no universo so hum ente he causa; os mais devém ser effeitos.

Leibn. Não vejo difficuldade, Sr., em que a primeira causa nos permitisse ser causas subordinadas. Vós, por ex., sois o despota da Suecia; mas os vossos officiaes são despostas dos seus rehimentos; e os vossos mesmos soldados muitas vezes tem sido despostas do camponezes, Russianos, Polonezes, ou Cossacos, quando entre elles tem *bivacado.* Observo na natureza, que quasi todos os entes são eixos, ao redor dos quaes girão algumas rodas, e tornão-se ao mesmo tempo rodas de outros eixos. Não ignoro todavia, que o metafizico mais subtil não pode conciliar a liberdade do homem com a presciencia de Deos: essa combinação existe; mas faltão-nos ideas para a entre-ver-mos, e termos para a exprimirmos. Todas as vezes, que temos occasião de fallar dos atribatos da Divindade, achamos-nos em hum mar desconhecido, sem piloto, sem carta, e sem bussola. O sistema, que faz de Deos o agente universal, offerece muitos absurdos, que devorar; por quanto se Deos me obriga a fazer o mal, deixa de ser bom; se me obriga a fazer o bem; eu deixo de ser virtuoso. Ninguem conhece melhor, do que V. M. as queixas amargas, que o homem devera fazer contra o Ente Supremo, se elle fôra author do mal.

Eu supponho, que nas planices de Pultawa o tiro de clavina, que tão perigosamente vos ferio, foi disparado por algum dos vossos mesmos soldados; seria preciso, que Deos mesmo carregasse o mortifero instrumento: que inflanasse o nitro; désse impulso á balla, dividisse as carnes da vossa perna, quebrasse-vos a tibia, e fizesse, que as vossas fibras experimentassem todas as palpitações da dòr? E julgarieis, que Deos pozesse hum crime tão atroz no coração de hum dos vossos subditos, e obrigasse hum guerreiro de Carlos 12 a ser regicida? Continuemos o exame da hypotheza. Se esse monstro não he mais, do que hum instrumento nas mãos do Ente Supremo; como ousarieis punillo? Todas as leis humanas serião attentados contra a natureza; e o Senado de Stokolm, que mandasse esquartejar o vosso assassino, seria tão extravagante como Xerxes, quando ordenou açoitar com varas o Ponto Euxino. Deos mesmo seria o mais barbaro dos tyrannos, se punisse crimes, que elle obrigou a commetter; porque huma vez que o crime existe sobre a terra, elle não pode impedir-me de ser livre, sem deixar de ser Deos. Não sei, si me engano: mas o dogma da necessidade conduz a consequencias atrozes; elle se assemelha a esses cyprestes, que havia ao redor d'alguns templos da Grecia, que

não davão aos que os consultavão, se não oraculos de morte.

Carl. Leibnitz, vos calumniaes o dogma da necessidade: longe de anniquilar a alma, elle ensina a arrostrar a morte. Todos os heroes de Roma forão fatalistas: esses bravos Musulmanos, que estiverão a ponto de engolir a terra, tãobem o erão; covardes so são os homens prudentes, que imaginão vencer o destino. Por muitas vezes tenho olhado em torno de mim, e admira-me como ainda subsistem as monarquias modernas: dai-me hum exercito de dez mil fatalistas, que em menos de quatro annos atrevo-me a conquistar a Europa.

Leibn. Eis justamente o que me faz suspeito o vosso sistema: a natureza não dicta aos homens arrostrar a morte. Se no mundo existem seres intelligentes, he porque estes não lutão contra a propensão primitiva, que os leva a conservar-se; a guerra he hum'arte de invenção nossa, e seus heroes são heroes dos homens, e não da natureza. Roma, que citaes, teve huma multidão de homens celebres, e mui pequeno numero de homens verdadeiramente grandes; os guerreiros, por ex., so tiverão celebridade. Roma governada por conquistadores parecia, que so aspirava a fazer estrondo; mas Roma governada por Marco Aurelio tornou-se o modelo de toda a terra. Quanto aos Califas, que conquistavão para destruir, que a uma religião assassina ajuntavão hum governo atroz; fazendo queimar na mesma fogueira homens, e livros; não se me antolha cousa comparavel ao crime de os imitar, se não o de lhes fazer elogios. Perdoai-me, Sr., o enfurecer-me contra a arte da guerra, que vós amaes com tanto enthusiasmo: mas para serdes hum grande Rei não haveis mister da gloria militar. Em vós se admira a sobriedade de Scipião, a generosidade de Cesar, e a grande alma de Trajano. Fazei, que tão excellentes qualidades sirvão para felicitar os homens. Assim a Suecia será assaz vingada dos attentados de trez reis: deixai respirar o Norte, a quem o vosso valor tem feito gemer tantos annos; ousai ser pai do vosso povo: tendes consagrado metade da vossa vida a espantar o mundo com vossas virtudes terriveis; consagrai o resto a fazelas esquecer.

Carl. Leibnitz, a vossa coragem augmenta a éstima, em que vos tenho: vos fazeis o vosso papel de filozofo com huma superioridade, de que não tinha idea: adeos: eu vou fazer o meu no cerco de Fredericshall. Se eu não fora Carlos 12, so quizera ser Leibnitz.

VENDAS.

DUas moradas de casas terreas, e um sobrado de dous andares, todos com bons quintaes, plantados de parreira, e outras fructeiras, cacimba em dous dos quintaes; todos na ladeira de S. Bento em Olinda, em chãos proprios, 100 palmos de fundo, e 40 de frente e os quintaes com fundo até o muro do Mosteiro: em casa de Francisco Antonio de Faria rua do Amorim n.° 125

— Na mesma caza, 2 ferros para Brigues grandes, 3 negros marinheiros bons remadores, e canoeiros, e um mergulhador: tudo por preço commodo, e parte a praso.

— Uma escrava, moça, bonita figura, e agil, engoma liso, e lava de varrella — cazaes de pombos de boa qualidade: na rua dos Quarteis venda de Thomaz de Aquino.

COMPRAS.

UM Palanquim, inda mesmo com algum uso; quem o tiver anuncie por este Diario para ser procurado.

ALUGUEL.

UMa preta, fiel, que saiba vender na rua: quem a tiver dirija-se á travessa de S. Pedro N. 33.

AVIZOS PARTICULARES.

ROga-se aos Credores da Madame Picard, que se ausentou d'esta praça clandestinamente, queirão appresentar as suas contas legaes no escriptorio dos Srs. Eml. Ricou e Boilleau, Rua da Cruz pelas 11 horas da manhaã de sabbado 19 do corrente mez, para ao mesmo tempo tratar-se das medidas necessarias contra esta dolosa devedora.

— Percisa-se fallar com o Sr. do Engenho dos Covos, ou com o seo Procurador, e como se ignora a sua residencia, roga-se ao mesmo a queira anunciar.

— Quem anunciou querer um jogo de gamão, procuri-o na travessa da Lingoeta, sobrado N.° 4, 1.° andar.

ESCRAVOS FUGIDOS.

FAbiano, Moçambique, 30 annos, fugido no dia 13 do corrente indo de madrugada para um sitio em S. Anna, vestido de calsa de lila preta, camiza de paninho, e jaque-

ta de riscado azul: na botica de Miguel Jose Ribeiro, rua do Queimado.

— Do Engenho Palmeira de João Coelho da Silva, freguesia de S. Amaro Jaboatão, fugirão a 27 de Janeiro p. p. dous pretos, Angolas, 20 annos, ainda novos.

Adverte-se, que a casa, ou lugar notado nos anuncios, é onde se deve procurar o objecto á venda, aluguel, e compra, ou onde se deve levar o escravo fugido; e que quanto aos ultimos anuncios seus donos todos offerecem recompensa, e fazem os protestos do estillo.

NOTICIAS MARITIMAS.

Navios entrados no dia 12.

— Rio de Janeiro; 29 dias; B. *Ceres*, Cap. João Gonsalves Correia; em lastro. Passageiro Joze Vicente Teixeira Ponce de Leão. Seguio no mesmo dia para o Para'

Entrados no dia 13.

— Acra; 40 dias; Barca Ing. *Maraboo*, Cap. John Longridge: ferro e tijolos: a' Smith e Lancaster.

— Portsmouth N. H.; 44 dias; Barca Amer. *Hope*, Cap. Mark Coffim: taboado, bacalhão, e batatas: ao Capitão.

— Liverpoo; 45 dias; G Ing. *Alexander*, Cap. John Sullivan: fazendas: a' Russel e Mellors.

— Londres; 55 dias; G. Ing. *Ellen*, Cap. George Dixon: em lastro: a' Joze Antonio d'Oliveira.

Entrados no dia 14.

— Rio de Janeiro por Bahia; 39 dias, e do ultimo 17; B. Port. *Portuense*, Cap. Lourenço Justiniano Jardim: em lastro: a' Manoel Joaquim Ramos e Silva.

— Aracati; 16 dias; S. *S. Anna*, M. João Antonio da Silva: algodão, coiros, e solla: a' Antonio Rodrigues Lima.

— Rio Grande do Norte; 18 dias; S. *Restauração*, M. Francisco Gabriel Domingues: assucar algodão, e coiros: do Mestre. Passageira Anna Joaquina Nepomucena.

— Goiana; 3 dias; S. *S. João Diligente*, M. Joze Antonio de Sa': caixas: do Mestre. 2 passageiros.

— Rio Formozo; 1 dia; C. *Conceição do Pilar*, M. Manoel Falcão: caixas: de Joze Antonio Falcão.

Entrados no dia 15.

— Liverpool; 42 dias; B. Ing. *Pandora*, Cap. Joseph Carry: fazendas: a Russell e Mellors.

— Rio Formozo; 2 dias; S. *Ave Maria* M. Francisco Martins de Oliveira: caixas: de Manoel Joze.

Entrados no dia 16.

— Rio Formozo; L. *S. Joze Viajante*, M. Antonio Joze Fernandes: caixas: do Mestre.

Saidos no dia 9.

— Cowes; E. Ing. *Melantho*, Cap. Thomaz Ellis: assucar e algodão.

— Goina; C. *Lealdade*, M. Joaquim Joze de Castro: bacalhão.

Saidos no dia 12.

— Una; S. *S. Jose Triunfo*, M. Joaquîm Gonsalves: em lastro.

— Porto de Pedras; L. *S. Antonio Flor do Brazil*, M. João Francisco Lima; em lastro.

— Serinhem; S. *S. Joze Vencedor*. M. Jose Rodrigues Pinheiro: em lastro.

— Leghorn; B. Ing. *Mercury*, M. Thomaz Roe: assucar.

— Serinhem; S. *Conceição*, M. Antonio Jose da Silva: em lastro.

Saidos no dia 13.

— Liverpool; Barca Ing. *Glasgow*, Cap. David Haddon: algodão, e assucar. Passageiros — John Wilson, Thomaz Wilson, e John Hall.

Sahidos no dia 14.

— Londres; B. Ing. *Union Packet*, Cap. William Kelley: assucar.

— Trieste; B. Ing, *Spencer*, Cap. Thomaz Spencer: assucar.

Sahidos no dia 15.

— Goiana; S. *S. Benedicto*, M. Antonio Affonso de Mello: em lastro.

— Philadelphia; B. Amer. *Pico*, Cap. I. Crowel J.: assucar e coiros.

Sahidos no dia 16.

— Serinhem; L. *S. Antonio*, M. Alberto Martins: em lastro.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA. 1831.